

Em tempos que não vão longe, também a Geografia Económica se aprendia em todos os graus de ensino por aquêle defeituoso processo que afinal não passava de uma exposição meramente estatística. Eram os rebanhos de carneiros existentes em certas regiões da Austrália, eram os milhões de pés de oliveira das margens do Mediterrâneo, a produção do petróleo do Cáucaso, a riqueza do café brasileiro, os fertilizantes nitratos do Chile, era o carvão, o ferro, as oleaginosas, o algodão, tudo escrupulosamente mencionado em cifras impossíveis de reter.

Tudo isto, por se desconhecer o meio productor e por não haver consciência das próprias possibilidades criadoras do homem que se limitava apenas a assistir, sem o compreender, ao brotar permanente da fonte inesgotável da natureza. Não se sabia então precisamente até que ponto influíam na produção e deslocação dos produtos os factores naturais, nem até onde o homem era capaz de intervir para obter em melhores condições tudo aquilo que lhe serve.

Ele não era capaz de determinar o valor económico de qualquer trecho da superfície terrestre.

Foram os estudos da moderna Geografia Económica que relacionaram o homem com os vários acidentes geográficos, sem procurar averiguar a razão de ser ou origem destes últimos, mas considerando-os apenas como simples elementos de riqueza.

O homem, geograficamente falando, pode ser apreciado sob dois aspectos diferentes.

Em primeiro lugar, o homem igual aos outros animais, incapaz de reagir sobre o meio em que nasceu, vencido pelas forças que o solicitam e repelem, impotente para dominar os elementos que o cercam. Este é o homem selvagem, o preto antropófago, habitante do sertão africano, cuja vida se limita a colher os frutos que vê pendurados nas copas, a perseguir os pequenos animais seus companheiros de selva e até a matar o seu semelhante sempre que a fome o impele a sacrificar o mais fraco em seu próprio proveito.

Em segundo lugar, temos o homem dominador da natureza, opondo-se aos mares e vencendo a fúria das ondas, a bordo dos mais confortáveis paquetes, explorando as entranhas da terra e arrancando-lhe os materiais com que constrói as pontes, extraindo os combustíveis que logo transforma em fecundante energia, procurando avidamente as pedras preciosas com que satisfaz perdoáveis vaidades.

Este é o homem capaz de desvendar os maiores segredos da natureza, que descobre novos astros, que edifica arranha-céus, que fabrica explosivos para destruir cidades e vidas mas que ao mesmo tempo inventa remédios para curar os grandes males da humanidade. É este que domina os outros homens, que idealiza as religiões e que conquista os povos.

//

...Fixados os objectivos da Geografia Económica, ficámos-la conhecendo apenas de vista.

A seguir, iremos procurar examiná-la intimamente através de casos práticos.

Antes porém de a êles nos referirmos, diga-se que podemos considerar em cada acidente geográfico características gerais e características próprias.

Vejamos: toda a gente sabe que os rios são vias de comunicação por excelência—é uma característica geral dos rios—mas nem todos êles permitem a navegação ou porque se trate de um rio de pouca idade e a corrente seja impetuosa com cachoeiras, ou porque uma contrariedade de ordem estranha ao curso da água surja a impedir o trânsito. É assim que há na América um rio de nome S. Lourenço, continuação natural dos grandes lagos, que está inutilizado durante o inverno por uma corrente fria que gela o seu magnífico estuário—eis uma característica própria. Mas não se julgue que o facto de uma linha fluvial não servir para a circulação, seja motivo para a desprezarmos. O seu aproveitamento para a produção de força motriz torna-a um poderoso elemento: a electrificação das linhas férreas da Suíça não se teria feito se não houvesse por lá torrentes caudalosas que se precipitam das montanhas.

Outro exemplo: as planícies, que são terras sem relevo, facilitam a deslocação dos produtos e nelas o homem tem condições excepcionais para viver. Daí o dizer-se que o homem é um animal de planície. Contudo, os desertos são também regiões planas e a circulação é quasi nula porque a habitabilidade é minima em vista das grandes variações de temperatura que impossibilitam a produção. (Também não se julgue que o deserto não possa produzir, pois nalguns dêles o sub-solo encerra até grandes jazigos minerais).

//

Em rápido resumo, iremos, pois, passar revista às principais condições a considerar no estudo do grau de prosperidade duma região.

Primeiramente, há que observar os terrenos. Estes, segundo a idade que têm—porque nem todos se formaram ao mesmo tempo—contêm ou não certos minerais, e a sua aptidão agrícola e florestal é diferente.

Assim, por exemplo, enquanto uns guardam no seu seio o chumbo, o zinco, a hulha, outros escondem a antracite, outros os mármore e o sal-gema, encerrando todos, mais ou menos, indistintamente, desde as camadas mais profundas às superficiais, produtos como o ferro. Isto no que se refere ao sub-solo.

As substâncias minerais que existem incorporadas no solo também condicionam o seu valor agrícola.

O reconhecimento da constituição da camada arável, porém, não é suficiente, porque o seu valor ainda depende do factor clima. Ambos influem de uma maneira decisiva na produção agrícola, florestal e de erva para alimentação de gados.

Ligada a êstes, ao solo e clima, ainda há a considerar a actividade criadora do homem, pois ela desempenha, por várias formas, um papel importantíssimo na produção vegetal, entre as quais poderemos citar os trabalhos de irrigação.

Depois, vem a análise das montanhas da região a estudar, principalmente quanto à qualidade do seu terreno, à distância a que se encontram do mar, ao seu clima: as mais altas dificultam as comunicações, o desenvolvimento da agricultura e o seu povoamento; as mais espessas e de inclinação mais acentuada tornam difícil a circulação; as constituídas por rochas menos duras, pelas chuvas

que as desagregam, dão lugar ao aparecimento de terrenos em que os trabalhos agrícolas podem ser realizados com menos esforço; as que têm o mar próximo gozam de chuvas que beneficiam a agricultura; as de melhor clima servem de estância de cura e de repouso.

Em seguida, há que examinar como se comportam os rios, para fixarmos as suas condições económicas. O seu papel é enorme: servem como estradas de comércio e caminhos de expansão colonial (é o caso do nosso Zambeze); proporcionam a formação de grandes portos comerciais, como o de Lisboa; têm influência na alimentação (pesca), na agricultura; fornecem força motriz e contribuem para o desenvolvimento industrial.

Para se marcarem estas aptidões dos rios, importa observá-los quanto à navegabilidade, à natureza e proveniência do seu caudal, à inclinação e largura do seu leito, à idade—os rios podem ser novos ou velhos—à forma como terminam, à influência económica que exercem no território das margens e à amplitude das marés.

A estas considerações que acabamos de fazer sobre os terrenos, as montanhas e os rios e que nos parecem suficientes para mostrar o condicionamento dos problemas geográficos e também a sua complexidade, deveriam seguir-se outras (ainda que breves como as primeiras) acerca das restantes categorias de elementos a caracterizar e relacionar para a determinação das consequências económicas e do grau de riqueza duma região. Contudo, como a paciência de V. Exas deve estar quasi a atingir o seu muito respeitável limite, e ainda porque apenas é nosso propósito tentar dar ideia do âmbito da Geografia Económica (nem outro nos consentiria o tempo de que dispomos) diremos a V. Exas que para chegar ao fim seriam de apreciar ainda os aspectos da linha de contacto da nossa região com o mar, se ela com êle confinasse; da parte do mar que domina, de alta importância comercial e política no caso português, visto o nosso país estar em frente da grande zona de navegação europeia por onde passam as mais importantes estradas marítimas e em que disfruta posição particularmente privilegiada o soberbo porto de Lisboa; os aspectos climáticos resultantes da temperatura e da humidade, êstes por sua vez devidos a muitos outros factores, de certos ventos que sopram com maior insistência, das correntes marítimas, quentes ou frias, das chuvas que facilitam o desenvolvimento das plantas; o aspecto vegetal, ou seja, o reconhecimento das aptidões para as várias culturas; a descrição das espécies animais, de grande importância debaixo do aspecto da alimentação, trabalho e vestuário do homem; por fim os factores humanos.

Já tivemos ocasião de indicar o agente destes últimos factores quando falámos do homem que interessa à Geografia Económica.

A custa de conhecimentos técnicos êle altera a superfície da terra e adapta-se, consoante as circunstâncias e as suas necessidades, no sentido de tirar dela maior proveito, de criar mais riqueza.

Aquêle que desvia o curso de um rio, que abre um canal, que constrói uma ponte para facilitar a passagem entre duas montanhas contribui para modificar a acção dos factores naturais, valorizando-os.